



# Gaiato



Visado pela  
 Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO IX \* N.º 224 \* PREÇO 1\$00

## PATRIMÓNIO

Não era preciso mais nada: esta fotografia e a legenda que o próprio Padre Américo escreveu, ao dar com os olhos nela, dizem tudo.

É a oração de Fátima! Até ao último momento recusou-se a falar naquele lugar: «eu já não sei falar da Teologia Mariana. Como Paulo, não sei de outra coisa que não seja Cristo, e este crucificado—Cristo nos nossos irmãos pobres». Mas uma força do Alto o impeliu e teve de pregar. Não foi um improvisado, foi uma inspiração do Espírito Santo.

Não escreveu, não decorou. Ninguém registou à letra as suas palavras, muito menos a expressão mizgada, sincera, ardente da sua voz.

Impossível reproduzir aqui. Felizes os que o ouviram, mais felizes os que começaram a pôr em prática a doutrina ouvida, e os que se não escandalizaram.

Com sempre, a semente, por ser do Evangelho, lançada aos quatro ventos, encontrou bom e mau terreno.

Alegrou, fez chorar. Por toda a parte um coro de louvores. Também houve escandalizados. Não admira: era já assim naquele tempo, quando o Mestre falava.

Alegrou-se os pobres «porque falou de nós em Fátima»; alegraram-se muitos, bem intencio-

nados, porque nunca tinham ouvido aquela doutrina—Perdoe-nos P.<sup>re</sup> Américo! dizia um rico senhor joelhado aos seus pés. No Padre via o Representante de Deus e dos pobres. Ele pedia perdão aos pobres pelo abandono a que os votara até então.

Do escândalo, aqui está uma falar por todos. É uma carta de quatro longas folhas. «Sabeis quanta angústia, espanto e até escândalo causa o silêncio do Padre Américo sobre N.<sup>a</sup> Senhora, as aparições, Fátima? Imaginais a variedade inconcebível de maldade e facciosismo, jacobinismo e anticlericanismo que muitos con-

seguiram tirar da oração do P.<sup>re</sup> Américo em Fátima em relação aos pobres, sobretudo em relação aos párocos que voltariam por outro caminho».

Quem assim se escandaliza, do mesmo modo se pode escandalizar por não ter a própria Virgem falado só dela, pois entreteve-se a falar de Cristo Crucificado pelos pecados do mundo, do inferno, da luxúria, da guerra, do Papa etc. Até é possível que alguém se escandalize por ter a Jacinta tantas vezes repartido a sua merenda pelos pobresinhos. Teria N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> perdido o tempo a ensinar aos pequeninos uma coisa daquelas?...

Mas que disse afinal o Padre Américo? (SEGUE NA PÁGINA DOIS)

## POBRES



"O Senhor Deus disse-me, no N.º 1100."

Torno ao bar, ao «Quanza», aonde me quero demorar mais uns minutos para falar de cutrys que ali foram ao nosso encontro. O primeiro a entrar foi o Carlos Alberto.

Cumpriu. Tinha-me dito por carta que assim havia de ser e foi Carlos Alberto que saiu de Lisboa no último Abril para um emprego. Depois de ocupar toma alturas e por si mesmo escolhe outro melhor. Mas ele não está contente. Ele quer mais e melhor e agora pede-me. Fomos ambos ao proprietário da Casa Americana de Luanda e dois dias depois despede-se da firma aonde estava e começa nesta. São assim os rapazes da rua. Herculano, outro da rua, sofreu uma tão forte comoção que houve de tomar uma cadeira e sentar-se nela. Todo ele era espanto. Todo ele agradecimento. Eu nunca esperei na minha vida ganhar cinco contos por mês. Francisco carpinteiro, que chegou há quatro anos, basta-se. Está trabalhando nas horas vagas na casa que há-de ser sua segundo plano magnífico do governo. Pôde comprar uma máquina de costura para a sua mulher. Pôde fazê-la seguir na companhia do filho até Portugal para refrearse. No regresso instala-se na nova casa. Traz consigo a mãe. É mais um colono. É menos um infeliz a mendigar trabalho em Portugal.

Do César, tipógrafo, digo precisamente o mesmo; este já mandou vir três parentes. Do Herculano, digo que mandou vir e tem aqui colado muitos mais. Isto chama-se coloni-

zar. Colonos sólidos. Sérios e prometedores que instalam o seu lar proclamam afoitamente ser aqui Portugal. Amadeu que veio conosco mal aqui chega, é disputado pelos



O Manuel do embrulho do átrio da capela assiste a uma defesa do «lua» e assim esquece a saudade do Pai Américo clubes da terra. Escreveu ficha na filial do Porto o Futebol Club de Luanda. A primeira vez que joga, ganha o seu club que já de há muito vinha perdendo. Foi aqui um delírio. Viva o Padre Américo. Viva a Obra da Rua. E logo prometeram assistência à sua mulher que vem no fim do tempo. E prometeram ajudá-lo na construção de uma sua casa. Tudo menos dinheiro. Os clubes aqui não oferecem dinheiro. Eu acho isto ótimo. Amadeu é carpinteiro e está colado. Temos aqui andado na boca da imprensa e na boca do Rádio Clube de Angola. Isto é inevitável. É a na-

(SEGUE NA QUARTA PÁGINA)

## CHEGOU A MINHA VEZ

CHEGOU a minha vez! Eu venho a tribunal. É o tribunal das contas. Não há último dia sem tribunal e sem contas—eu estou no último dia.

Quería pagar-vos, mas considero-me insolvente. Não posso abrir a carteira, ela infelizmente não tem que dar, Abro-vos o meu coração, ele está ferido e esmagado—eu estou no último dia!

Vou alegre por ter de partir, triste por não poder ficar.

Pai Américo acendeu uma nova chama no nosso país e mais nada quer senão que ela se ateie, até ao Céu. Eu vou acendê-la nos Açores.—dizem que lá também é Portugal.

Esta ideia enche-me de entusiasmo dá-me forças para a despedida e a sua realização será a moeda com que vos pagarei.

Se eu avançar, animai-me. Se eu retroceder repreendei-me. Sois os meus juizes, os meus credores. Eu estou no tribunal das contas!

Dizei para lá: Não foi para isso que vos sentámos à nossa mesa; não foi para isso que vos preparámos uma

cama fôfa, que vos acarinhámos.

Eu sou bom entendedor. Meia palavra basta!

Pai Américo não está presente, eu sinto-o em cada um de vós e é em cada um de vós que eu o abraço, nesta hora de saudade.

Não venho mais às vossas casas! O meu coração fica por aqui, certo de que assim será mais fecunda a minha Obra nas Ilhas.

Sois uns mágicos! Roubastes-me o peito logo na primeira hora.

Continuai a rezar pelo vosso amigo e pedi ao Senhor que entre brevemente na adorável «Obra da Rua».

Rezaí pelos meus rapazes dos Açores. Eles são portugueses e cristãos como vós.

Falta-lhes apenas um braço que os levante.

Eu já lá vou tirá-los da lama.

Não sei dizer-vos mais nada. Sou pobre, não tenho que vos dar!

Deixo vos o meu coração e o meu reconhecimento.

Por tanto amor, seja por Amor de Deus. P.<sup>re</sup> André

# ISTO SÓ ELES!

A secção—isto é a Casa do Gaiato—está suspensa na ausência do Sr. P.<sup>o</sup> Américo.

Só ele, mais ninguém, pode colorir os pequenos nadas da vida de cada dia de modo a tornar esta coluna a mais atraente do Famoso.

Cantar hinos ao Criador com estrofes tirados das flores, dos passarinhos, dos patos, do Zé Ganso e do esterco das vielas, só um génio. Nós não passamos da vulgaridade.

Mas para não privar-nos os nossos leitores, do delicioso e imprescindível manjar, vamos preencher a lacuna com pílulas de sabor bem diferente, composta embora dos mesmos elementos básicos.

Ora atendam:



A nossa mata mudou agora de nome. É a *Coreia!*

Uma dúzia de trabalhadores abre furos no granito, desloca pedras a cantar, levanta muros de suporte—e faz cêra! De vez em quando acende-se o fogo ao rasilho e os tiros sucedem-se—é a *Coreia!*

Um grupo de batatitas, com as suas padiolas, removem montanhas de terra. Atrás deles fica uma larga faixa de terreno de cultura, mas calcado como uma estrada. O *Comandante* destas tropas é o *Sej* quim; a casa da mata é o *quartel general*; as 10 toneladas de batatas que já este ano se colheram no terreno desbravado, são as *munições*.

Temos a *Coreia* pacífica ao pé do Porto.

Ninguém tenha medo!



Continuam a chegar reclamações à Administração do famoso. Uma senhora já pagou três vezes o livro com 100 de cada vez e parece-me que não fica por ali.

A primeira confusão vem dos que pedem; a segunda dos que expedem; a terceira dos Senhores que com a *Bola*, os desportos e corridas põem na lua a cabeça destes gaiatos. Já não bastava a ausência do Avelino enquanto vai ao Porto tirar a carta de condução!... Zé Eduardo, Fatsca e mais *dôtores* que se atiraram ao expediente atrazado desde Abril (1) inventaram mais um expediente para reclamações. Quando apanham o Avelino de costas, vão aos ficheiros à procura dos jogadores e aficionados, marcam pontos aos que já pagaram (e não pagaram) a assinatura. Cada qual marca para o seu Club.

No meio desta batalha de pontos, quem os perde afinal são os assinantes.

Ainda agora, por causa do retrato do Pai Américo se não acudimos à administração, 400 leitores ficavam sem «O Gaiato».



Aqui está um felizardo que vem reclamar pela primeira vez.

Felizardo sim porque os há que reclamam duas, três

e mais vezes e continua tudo como dantes. Mas oíçamos este que até nos trata por «amigos».

*Caros Amigos*

Com os *m* melhores desejos de boa saúde e paz no SENHOR, venho: em primeiro lugar, felicitar-vos e ao mesmo tempo agradecer-vos a pontualidade com que tenho recebido o «Gaiato»; visto que desde o n.º 1 que o recebo e sempre com a maior regularidade—nem uma falha; em segundo lugar, venho informar-vos de que não recebi o último número. Se fosse um número vulgar, contentar-me-ia em ler o dos outros, mas assim, não! Cá com ele...



Outra do Zé Eduardo. É para o Snr. P.<sup>o</sup> Américo, quando este «Gaiato» ler em Silva Porto, mandar uma carta a pedir pelo seu menino.

Constou por aí que só iam para praia os miúdos que tivessem carços no pescoço. Foi uma proclamação: todos tinham carços. Muito doloroso e pungido, quem é que vinha debaixo do pálio?

—Zé Eduardo! O atleta da Académica!

Ele já sabe que nas minhas mãos não faz farinha, por isso melhor é mandar uma cartinha para a África a pedir esta *consoladela*... além da *pensãozinha*, que se lhe acabou.



Um dos *dôtores* que não tem *pensãozinha* mas que quer acompanhar a sociedade no que diz respeito a elegância, veio ter comigo a pedir também uma ajudazita de custo. A vaidade dele não vai muito longe. Está apenas nas unhas bastante compridas; enquanto a dinheiro, 10 escudos já lhe chegavam.

—Sim senhor: dou-te 20\$ mas há-de cortar as unhas rentes.

—Ora bolas, isso é que é cortar as unhas rentes!

A condição não servia. Ficou sem o dinheiro.

Entretanto entrou na Aldeia mais um elemento de desordem: um cavalo. O Sérgio comprou ao Fidalgo um cavalo. É uma *consoladela* para os do campo.

O nosso doutor quis também aprender a cavalgar. Era a primeira vez que montava. O cavalo começa a correr, o doutorzinho desequilibra-se e aí vem ele estalar-se no chão.

Apalpa a cabeça, apalpa as costelas, os braços e as pernas, está intacto—nem uma beliscadura. Olha para as unhas... oh! desgraça! estão todas partidas!

Sempre foi azar: sem dinheiro e sem unhas!



Mais outro azar: O cavalo do Sérgio foi ao chão com o cavaleiro.

O que valeu foi o Sérgio saber cair. Salvou a cabeça, o tronco, os braços, as pernas e os pés.

Depois duma maçagenzinha,

## NOTÍCIAS DA ERICEIRA

Mais uma vez volámos. Já toda a gente o sabe pelo menino Chochas, o qual, sem outro assunto, não se importou nada de meter foice em stara alheia e roubar no fciás que não são da sua alçada.

Uma traíçoazinha... que por esta escapa!

Apesar da solidão do nosso burgo ainda aparece quem se lembre de nós. O Ti Manel deu-nos dois pargos e meio cento de sardinha. E dá-nos sempre boa vizinhança e amiga.

Alguém que eu sei mas não digo, deu uma fartadela de melancias, a uma merenda. Na praia da Foz um senhor 20\$.

Também já houve uma vez arroz de polvo, oferecido por não sei quem. Que pena não o ter provido!

A malta tem andado este ano muito pesqueira. Por isso o Ernesto já viu algumas vezes resolvido o problema da ementa: mexilhões, lapas, etc., etc.

Gosto de ver assim a minha gente bem tratada... e baratinho.

A lição do «Presidente» de Paço de Sousa não tem sido aprendida.

Há dias foi aqui um espada-lhão. O casal ocupante quis ver a Capela. Um seminarista mostrou.



Ericeira: Uma capela vestida de branco duas casas de madeira o oceano infinito a entrar pelos olhos de 25 raçaxes!

Depois foram as nossas instalações. Tudo muito bonito, muito interessante. A Obra do Sr. P.<sup>o</sup> Américo muito digna de ajuda. Tudo tão bem, tão merecedor, que ele deixou 25 tostões e ela 10!!! Ora tomem!

Nem tudo são rosas.

Outro dia foram todos até ao pinhal. Passou-se à beira de um pomar. Lá dentro pereiras Nas ditas, peras. Desta feita foram peras a maçã do pecado.

Camões, S. Vicente e Américo caíram. Foram apanhados. O dono reclamou. Mas quando soube que eram filhos de Pai Américo desdisse o que dissera.

Olhai lá rapazes quanto o mundo vos ama, que até vos permite que o roubeis! Olhai a vossa responsabilidade, o que esperam de vós—e sede homenzinhos, sede honestos. C. G.

veio a apurar se que apenas tinha deslocado a omoplata.

Mas não foi nada. Uns diazinhos de descanso e lá andam outra vez, cavalo e cavaleiro em bondadas.

Já hoje o Sérgio se atirou à vindima!

## Património

DOS

## POBRES

Éis o resumo que os jornais do dia reproduziram.

«Fala do pobre crucificado, declara que vem fazer uma oração no monte da Virgem. Apela para a compaixão de todos, para que todos curem as feridas dos pobres, dando assim testemunho de Cristo. Lembra a divina parábola do Bom Samaritano.

O Samaritano do Evangelho é o único que ganha todas as partidas. Naquele tempo passavam perto do pobre espoliado e ferido todos os bem instalados na vida, os comerciantes de alma opaca e gelada, todos os ególatos que se não comovem. Passaram também sacerdotes formalistas. Todos passaram, um de cada vez. Mas só o Samaritano parou, para se curvar diante dos sofrimentos do pobre. Por isso o Samaritano foi pregado e anunciado por Cristo.

Só ele vive. Todos os mais vegetam.

Que nos trouxe aqui? Pedir. Pedir cada um para si próprio como faz o mundo laico.

Peçamos para os outros e deste modo faremos justiça. Peçamos uma coisa do tempo: uma moradia para aquele que não tem onde dormir. Vamos construir casas pequeninas, mas arejadas e limpas. Casas para os pobres. De Abril de 1951 a Abril de 1952 construíram-se 26. Como se arranjou dinheiro para tanto? Amando.

Como se descobrem pessoas que sejam generosas?

Amando

Dirigindo-se aos Sacerdotes e principalmente aos Párcos, acentuou que muitos voltariam para a sua freguesia por caminho diverso daquele que os conduziu a Fátima, isto é, pensando de outra maneira. Iri m fazer justiça. Sem justiça não há amor, nem há paz.

Citou o caso recente de uma família de seis pessoas crescidas e uma criança de berço a viver miseravelmente num ourral, no meio de animais. Esta família está perto a receber, pronta, a sua casa.

Quem operou o Milagre? A Justiça!

Não; esta doutrina não pode escandalizar nenhum homem de boa vontade. Aos outros, perdemos.

Quanto aos padres que se poderiam julgar ofendidos, não os escandalizou tal doutrina. Pelo contrário. Estamos a receber diariamente cartas deles a pedir o regulamento e plantas das casas para pobres. A nossa tipografia trabalha abressadamente para satisfazer alegremente estes pedidos.

Não se escandalizaram; não se ofenderam.

Voltaram por outro caminho. Louvemos e admiremos os nossos Padres.

Irmãos em Cristo: avante!

## TOJAL

Como estava prestes a terminar a Colónia de S. Julião da Ericeira, e só lá estávamos seis rapazes pensámos em ir ver o Convento de Mafra e fomos.

Saímos da Colónia às nove horas, e palmilhámos todos as serras e vales que íamos encontrando pelo caminho. Depois de se terem passado duas horas e meia estávamos a cumprimentar o Sr. Prior de lá, à entrada do grande Convento.

Estivemos lá dentro hora e meia a ver e a admirar as obras que o nosso Rei D. João V mandou fazer para hoje muitos dos nossos Portugueses saberem admirar as antiguidades que ali estão expostas. Fomos só quatro rapazes e almoçámos lá por 8.600. Foi sardinhas fritas, pão, vinho e um pirólito. Até parece que estamos na época duma vida barata!

Das coisas que mais gostámos foi da Biblioteca, que contém milhares de livros, das ricas salas dos reis, dos sinos, e da beleza das imagens feitas de uma só peça de mármore.

Também lá estava o Má-Raça, mas não nos pôde acompanhar no passeio porque tinha um furúnculo, e foi um vizinho da Colónia quem com muito carinho tratou dele.



Tojal: Os batatas também trabalham.

Com licença: é uma „Caracoleta“ (caracol) que, fuge a trote, para debaixo das pedras. Mas o Luiz segura-o pelas pontas.

Temos tido muitos pedidos de rapazes de cá para empregos, mas não podemos satisfazer os pedidos por causa de ainda não termos encontrado uma casa em Lisboa como nós queremos. Vejam lá os senhores se nos acodem porque assim não podemos seguir a nossa carreira.

Temos vendido alguns porquitos dos últimos que nos nasceram. Se algum fizer gosto em nos comprar alguns, pode vir que nós vendemos.

Ficaram aprovados no exame de 3.ª classe os seguintes: Bicudo, Pernas, Octávio, Alfredo, Risonho, Fanhões Carca. Oito no exame de 2.ª grau, os seguintes: João, Augusto, Meneses Oscar, Martins, Castilh, Carlos dos Santos. Neste exame ficaram dois distintos que são: Meneses, Oscar, e o resto tudo bem.

Em honra destes o Sr. P.º Adriano ofereceu-lhes missais para seguirem a Santa Missa, copos para os dentes, vinho doce e bolachas. Vivam os que fizeram exame!

No passado dia 26 vieram cá acampar os rapazes da J.O.C. de Moscavide e de Sacavém, e no outro dia de manhã assistiram à Missa e estiveram todo o dia conosco. À tardinha partiram para suas casas alegres, cantando e rindo.

Estão a abrir os alicerces para mais duas Casas do Património dos Pobres. Ficam no Largo do Cruzeiro, junto à primeira Casa dos Pobres que se fez no Tojal. A seguir a esta outras irão, até encher o Largo que a Câmara de Loures nos ofereceu.

O Pedro já foi à inspecção Militar e ficou livre. Era o que ele muito desejava.

Brevemente se deve começar a marcar a casa para ele e assim, daqui a meses pode começar a pensar no seu lar Cristão.

No domingo fomos a uma reunião Vicentina do Conselho Particular em Alhandra.

Nós julgávamos que era para ser feita neste dia a escolha do novo Presidente para o Conselho Particular, em vistas de ter falecido o muito querido deste concelho Particular Sr. Engenheiro Sousa Lobo. Mas foi para fazermos uma reunião em sua homenagem. Nesta reunião foram lidas algumas passagens da vida do Sr. Engenheiro Sousa Lobo.

Antes de terminar a sessão rezámos as orações indicadas no Manual. E à saída foram distribuídas pagelas com a figura do Sr. Engenheiro Sousa Lobo, e com algumas palavras suas, ditas dias antes do seu falecimento.

Temos tido muitas ofertas de roupa que em geral anda quase toda em uso pelos vendedores do Famoso.

Mas ofertas de sapatos é que é muito raro aparecer alguma coisa.

Se os senhores leitores tiverem alguns pares que não vos façam falta, lembrem-se de nós pois que andamos em grande penúria.

## MIRANDA DO CORVO

No dia 31 de Agosto realizou-se a festa do Coração de Jesus com a Comunhão Solene das crianças da Vila e alguns dos nossos rapa-

## PELAS CASAS DO GAIATO

zes, que são: Agostinho Manuel (malaposta), António da Conceição (Zé da lenha), Arménio Monteiro (Ovelha), Carlos Alberto (Lita), Gabriel Rodrigues, João Aiva (Torres Novas), João Martelo, João Pascal, Joaquim Rato, Joaquim Carlos, Joaquim Albredo (Nelas), José Fernando (Sabóia) José Manuel (Manequim), Manuel Maria (Lisboa) e Victor Manuel.

De todos estes ficaram tres distintos: Martelo, Lita e Joaquim Carlos. No fim da Comunhão tomaram uma cafezada dada pelo Sr. Prior. As doze e meia houve a missa paroquial e em seguida um belo almoço de bifes, batatas assadas, arroz, filetes e ervas e a sobre nesa foi leite creme, arroz doce e uvas em nossa casa. Depois às seis horas houve Procissão que encerra a festa desse grande dia. Nesse dia esteve cá a

senhora dos emblemas e não nos quis dizer quem era; devia ter pensado que ninguém soube que ela cá esteve mas afinal ficaram todos a saber que a senhora dos emblemas esteve em nossa casa.

Quero agradecer e pedir ao mesmo tempo os selos. Quero agradecer às pessoas que já nos mandaram alguns e pedir às pessoas que nos possam mandar selos ou pratos de chocolates. Agora em que falo em agradecimento agradeço também aos senhores do Bazar do Porto de Coimbra que nos mandaram alguns cintos que tanto precisávamos.

Caros leitores. Querem saber está? É a senhora. A senhora que anda atrás do sr. P.º Horácio a pedir que compre chita para as camas,

# TRIBUNA

— DE —

# COIMBRA

O que nos vão dando:— Abre esta secção um senhor com trezentos, aonde costumamos ir e quer dar sempre; e um objecto d'ouro não sei donde; e um sem nome que deixou cem no P. Delgado. E dumã mãe alegre pela passagem do filho um fato e ciquenta; e feijão na praça; sapatos e roupa e vinte no P. Delgado e a perguntar se interessa. Ora isso nem se pergunta.

Além da assinatura veio roupa e vinte de Vila Nova da Tazem e a oferente promete mais. Visitantes com cem; oitenta num vale de Lisboa para o tuberculoso da enxovia. Ao receber os até os olhos se lhe riram. Duzentos duma promessa de «um triste pecador». Que grande título, por se reconhecer pecador!

Muitos canos d' aço que tive de comprar e o dono diz que a factura é com ele e que é costume se u fazer assim. Que estes costumes se não percam, que até dá gosto fazer obras desta maneira! Cem numa carta registada de Quingenge, Angola, vinte para um caixilho; o mesmo no Castelo dos Arcos a pedir uma oração por alma do marido; uma dúzia de galinhas e frangas da Confraria da Rainha Santa. Nós tínhamos as capoeiras quase vazias.

Visitantes com 45; e outros com cem; e um senhor com uma caixa de pões. Que alegria! Duas camisolas e açúcar a um vendedor; um garraão de azeite e outro de vinho: dois fatos muito bons do Arieiro; calções e roupas da senhora de muitas vezes; visitantes com uma lata de azeite e 25\$; um saco de feijão de Coimbra; duzentos e cinquenta em carta de Vilarinhos de Faro. Por onde nós andamos!...

Vinte de visitantes; muitas miudezas de Tomar. Já o ano passado assim foi! Um fato e roupa de um estudante como promessa da mãe; mais um alfinete d'ouro; e uma peça de riscado.

A propósito de riscado eu venho aqui pedir que tenham dó de mim. É uma senhora governante que temos de novo e não me larga a pedir chita para as cobertas das camas. E que estão tão mal e tudo roto e temos que ter como nas outras casas e trinta por um linã. Ora vejam se me livram deste pesadelo. A senhora tem muita razão, mas nós é que não podemos comprar. As obras co-

em tudo Quarenta duma albicastense; uma nota de mil a um vendedor

dum senhor que nunca tenho da do nada em condições. Se vissem a alegria de quem deu e de quem recebeu. Uma lata grande de azeite duma promessa e cem a um dos nossos com muita pena de não poder dar mais; visitantes com seiscentos e 57 e roupas e azeite; uns sapatos de Tabuaço; mais visitantes com vinte; e uma perigrinação com oitenta: dez para os pobresinhos duma figueirense; visitantes com 60; deles com 100; outros de Aveiro com 150; mais com vinte; e ainda outros com 5; e uns de Cantanhede com 20.

Duzentos no P. Delgado da amigueta Maria Helena. Eu não sei quem ela é, mas aparece muitas vezes. Que seja por muitos anos! Meias no mesmo stio; sapatos lá também; atacadores e agora muitos cintos no Bazar do Porto. Estes senhores esgotam-se! Cincoenta duma vicentina; vinte no Castelo da Sofia; roupa a um vendedor; cem dum senhor que veio da América e como ficou encantado há anos agora teve que vir novamente. Um casal, muito batido no jornal e que eu conheci pelo trato com os nossos, deixou quinhentos. Roupas, botões e sapatos de uma senhora amiga; e os nossos rapazes da Comunhão Solene tiveram meias brancas e boas e os vendedores também, do senhor da loja nova de fazendas. Tantas vezes que nos encontramos com este senhor!

E dez caixotes grandes de louça de refugio da Sacavém. Estávamos mesmo a acabar. Bem hajam! E para rematar chegou o subsídio de cinco contos da Câmara de Coimbra. Parecerá muito o que fica, mas é o resultado de tres meses.

Aqueles que foram para terras ou praias até lá nós os vamos importunar e todos têm caído bem na rede: do Luso trouxemos quase dois contos; de S. Martinho do Porto para cima de sete e meio; da Figueir quatro e quatrocentos; de Nazaré mais de tres; de Monte Real quatro e quinhentos.

O que por lá vimos e sentimos não se conta, tanta amizade e tanta dedicação! Num dos ditos lugares quisemos deixar alguma coisa para as obras da igreja em restauração e o sr. Prior, em dívida de sessenta contos, respondeu que não e que Deus dá tudo o necessário para o bem. À Figueira e a Monte Real temos que ir segunda vez. Foi de lá que pediram.

Deus seja louvado em tudol

PADRE HORACIO

não há dinheiro lhe diz o sr. P.º Horácio mas ela não se cala que ponhamos no jornal que os senhores dão agora vamos ver se há alguém que lhe satisfaça a vontade.

**LAR DO PORTO** Pequenos Aumentaram o número de rapazes empregados nesta cidade. Vieram para o lar dos pequenos mais 8 de Paço de Sousa no princípio deste mês são eles os seguintes:

O Preto, empreg. u-se na (Pérola da Guiné) Preta, na (Vadéca) Roque, na casa (Petrônio) Bernardino, na (Grémio dos Vinhos Verdes do Norte) João, numa (Casa de músicas) Presidente, nos (Laboratórios Delta) Papagaio, num (escritório) Rabo de Sardinha, no (Foto Orion).

Como de costume fomos domingo passado a Leça da Palmeira na qual temos uma casa alugada na época do Verão para aqueles que precisam de banhos de mar. Chegámos às 2,55 e fomos direitos a barraca onde nos equipámos para a água salgada, passando-se assim uma tarde de brincadeira e desporto, e voltámos para o Porto às 6,30.

Como os senhores já sabem houve um concurso em Guimarães: no qual tomaram parte os vendedores do Lar Porto e de Paço de Sousa. Não se falava noutra coisa senão no concurso porque todos queriam vender mais e evidentemente que aquele que mais jornais vendesse numa quizena é que ganhava o 1.º prémio que era um relógio de pulso no valor de 500\$00 e o 2.º no valor de 300\$00; e mais quatro que o sr. Guimarães oferecia distribuídos pela ordem.

Quem ganhou? Foi o Fala-barato! mas o Hélio que não gostava de perder e, como é um bocadinho tralhalha foi dizer ao sr. Guimarães que tinha acabado primeiro os jornais e por isso ganhava o 1.º e o Fala-barato o 2.º. Mas nem assim porque este sr. para não ver um a rir e outro a chorar disse que era um empate dividindo os prémios pelos dois. Foram 400\$00 para cada.

Por motivo de falecimento de uma das nossas pobres do Barredo o Carlos por ser o vicentino que a visitava tem andado um pouco ocupado para ver se consegue arranjar emprego para um dos seus filhos mais velhos e a pedir ao Pai Américo para deixar o mais novo que tem 4 anos de idade vir para junto de nós. Está tudo arranjado, emprego para um e leite para outro.

Dois dias depois do pequenito, que se chama Artur, vir para o nosso Lar a senhora estava a limpar os copos e os talheres e ele foi pedir para que o deixasse limpar, mas não sendo atendido começou a chorar até que a senhora viu-se obrigada a fazer-lhe a vontade.

De Famacião, do Casal da Seara recebemos quatro melancias muito grandes. Do Grémio das carnes ofereceram nove quilos de vitela. Que boa que ela era. A senhora do pamar de S.ª Catarina dá-nos de vez em quando fruta.

A todos que Deus lhes pague.

## PEDITÓRIOS

Andamos a bater as costas do Oceano Indico e Atlântico.

O Pai Américo dirá, a seu tempo, de como são as praias do Sul; do centro diz aqui o Padre Horácio; eu vou dizer das do Norte.

Espinho, seis e pico. O Manuel Risonho viu-me uma cara muito feia e temeu as consequências — «Veja lá: não vá dizer mal disto. Olhe que Espinho é a melhor vila de Portugal!» Pouco depois veio trazer-me uma aliança de ouro e uma nota de mil: — vê, eu não dizia que Espinho era a melhor praia!?

Granja, cinco. O peditório tinha sido avisado nestes termos: «Vem aí fulano. Os senhores não se adiantem. Olhem para a esquerda e para a direita; nós também cá temos pobres!... — Mas a Granja mantém as tradições.

— Póvoa, seis e meio. Tudo bem; o Pávoco lamentando que não tenha aparecido às missas da manhã, e o Sr. Modesto, do micro, com pena de não ficar para a tarde. O Dr. Herlander estava com a Esposa, ele era a "estrela" do dia.

Dois ourives dão de comer aos meus companheiros. Um deles traz uma aliança de ouro.

Trouxemos muito?

— Engano: nós enchemos a concha; o Oceano ficou lá.

Em Espinho o Oceano estava na piscina; na Granja um rapaz garantiu-me que, no baile da noite anterior, havia meninas com vestidos de contos; na Póvoa havia corridas de automóveis. Eles eram aos milhares. É o luxo que faz o lixo. O Oceano ficou; nós só trazemos cheia, apenas a concha da mão.

Também fomos à Foz, mas o rio estava seco. O Oceano ficou lá.

# ÁFRICA À VISTA

CONTINUAÇÃO

tural galardão de todo o mortal que por amor de Deus se dá aos mortais. O nosso documentário passou no cinema Nacional, ao qual eu não pude assistir por causa duma constipação que estava aqui à minha espera; mas falei. Vieram gravar ao meu quarto de doente e eu disse durante 20 minutos. Os rapazes, envolvidos na minha capa também disseram. Foi um sucesso. Foi um pequeno Coliseu. Foi melhor do que se eu tivesse estado. Eu já não faço falta.

Luanda vai dar muito que falar. Os senhores alegrem-se e apurem os sentidos, porquanto, é quase certo que por mais de 12 meses esta epigrafe há de aparecer no «Gaiato». Ontem de manhã alguém disse, num grupo aonde estávamos muitos que eu era o maior poeta português. Eu estava e ouvi. E tomei tudo à conta de reinação. Para usar a gíria dos meus rapazes, aquele senhor que assim falou estava me a gozar. Ele percebe e diz assim: *acredite. Quem lhe fala é o Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.* Em virtude de um tamanho nome, não tive remédio senão calar-me e dizer que sim; por isso torno a dizer. Os senhores alegrem-se e agucem, que vamos ter um ano de poesia.

Nós éramos para nos demorar apenas uma semana nesta cidade, sim, mas como Deus é quem dispõe, correram as coisas contra a minha vontade, tendo estado por mais de 8 dias no leito duma casa de saúde. Aceitei alegremente e racionalmente; se aquilo não estava no meu programa nem era também da minha vontade, segue-se, logicamente que estava cumprindo a de Deus; e é isto o que mais importa a cada mortal. Não são de dizer a ninguém os cuidados que ali me tributaram, nomeadamente o meu médico Dr. Ferreira Lemos, a quem Deus prolongue a vida por muitos anos.

Apenas tive alta comecei a trabalhar. Primeiramente foi no Rádio Clube de Angola. Colocaram tudo e todos à minha disposição e eu sentime no dever de aceitar e assim daquela sorte, pregar Cristo Ressuscitado a todos os habitantes de Angola. Algumas vezes escrevia, outras falava directamente e estas foram mais. Gostei de verificar o critério de Luanda; não há censura. Também me foi possível falar algumas vezes ao público, dentro de grandes salas, em sessões previamente anunciadas. A primeira teve lugar no Palácio do Comércio. Os jornais anunciavam enfaticamente *uma Conferência do Padre Américo*. Por conferência entendia o público uma coisa muito importante. Na verdade antes de mim, tinha estado naquela mesma sala uma notabilidade. Em geral, quando assim é afastam-se as cadeiras umas das outras para ocupar maior espaço e dar a impressão de que é muita, a pouca gente que aparece. Há igualmente os convites com pedido especial de não faltarem com receio de um fiasco. E há por último a mesa da presidência e ao lado a do conferente, com tudo quanto lhe pertence. É isto mesmo ao que todos estamos afeitos e era justamente o que naquela noite se esperava num dos salões do Palácio do Comércio, graciosamente cedido. E saiu tudo às avessas. Não estava lá a presidência nem a mesa do arador. As cadeiras comprimiram-se. Mais de metade do povo enchia os corredores. Outros era no largo. E em vez de uma conferência aparece um mendigo. Um pobre de Cristo a fa-

lar dos pobres de Cristo. Tanto bastou para que, no dia seguinte, as coisas mudassem, na sala do Sindicato dos Empregados do Comércio e Indústria. Tudo à larga. Tudo rasgado. Alto falantes cá fora, e o mesmo pobre de Cristo a dizer das suas experiências. Nunca tal se viu.

A nota dominante de todas as minhas comunicações ao público tem

## AQUI, LISBOA!

Foram 24 horas de chuva sem descanso.

A quietude é agora quem reina. Da terra solta-se o bom perfume que sempre há depois destas chuvas anunciadoras de outono. As nossas ovelhas e as vacas pastam nos campos.

Passei há pouco perto dos *batatas*. Andavam rondando. *Presidente* vem ter comigo e informa que não têm chefe. Pelo visto não temos cá anarquistas! Foi junto deles e perguntei qual o mais respeitável.

—Bate-Chapas.

—Pois já têm chefe.

—Lá continuam merecendo o seu pão por via do suor do seu

rostro. O trabalho é o mais precioso dos nossos bens aqui em casa. É o grande remédio das feridas deles. Eu regalo-me a vê-los na sua faina e puxo por todos. Até o Zécal Sucede mesmo que por causa deste meu regalo temos os dois, às vezes, grossas arrelhas. Mas tudo se compõe. A noite pergunto-me invariavelmente: *onde tu dormes?* e ficamos sempre bons amigos.

É pena que o trabalho proporcionado às forças de cada um não chegue para o seu sustento. O nosso trabalho não chega, mas o Pai Celeste supre e o preciso nunca falta.

São 115 bocas, são obras cá dentro, são pobres, são casas para eles... Porque Deus quer todas as despesas é fácil o nosso orçamento das receitas. O *Binco* que nos financia não corre o risco de ver os seus valores roídos pela traça.

*Para ajuda de uma casa de uma pobre*, alguém deixou ao Pároco de Fátima 250\$ pra nos entregar.

Uma devota de S.<sup>ta</sup> Filomena paga a sua promessa: 20\$. «Uma figueirinha», que já tem tarimba nestas colunas, manda 20\$ para a família numerosa do Bairro da Misericórdia. De Oeiras duas camisas de ferro e o trabalho de as despachar até cá.

Um motorista que ganha 28\$, veio visitar-nos mais a mulher. Tem três filhos. Ficaram 50\$ para uma Missa por alma de seus pais e sogros, outros 50\$ para o Património e mais 20\$ por um livro. Eu não queria aceitar, mas ele foi mais teimoso. «Deixe lá... São as gorjetas e o gosto de aju-

sido o «Património dos Pobres.» Não consta da história de Portugal que alguém tenha saído de Lisboa numa tão alta missão; e hoje mais elevada pela sua urgência. Todos assim compreendem e querem naturalmente ajudar *O óbulo da viúva*, aqui como em Portugal, continua a ser toda a riqueza da nossa Obra. Erguem-se por toda a parte subscri-

ções entre os remediados. O Engenheiro Trindade, Director da Brigada de Construções de Casas do Estado, aonde trabalham centenas de artistas, vem-me anunciar o desejo espontâneo de cada um dos seus homens oferecer uma hora de trabalho para o «Património dos Pobres.» Mas isto é espantoso! Mas isto é uma epopeia. Ainda que viesse até a mim um homem rico de Angola dar metade da sua fortuna, cada um destes operários dava sempre muito mais. Porquê? Porque o primeiro é das sobras e o segundo, do que precisa para o seu sustento. É assim o *óbulo da viúva*. Mais. Tal como nas ruas e caminhos de Portugal, também em Luanda me apareceram pessoas discretas com casas do «Património» dentro dum envelope. Mais ainda. Um casal do Porto dá uma casa. Engenheiros e capatazes de uma firma do Porto que tem aqui a empreitada do abastecimento das águas, também eles me deram migalhas suficientes para a construção duma casinha. De sorte que tendo sido Luanda a porta por onde entramos no continente africano, acontece que logo aqui colhemos horas de certeza; a tal ponto que, em vez das cem que antes tubeava, agora digo mil. Que se alegre Padre Adriano. Que se alegre Padre Horácio. Que saia depressa do Seminário dos Clivais o Engenheiro Galamba. Que todos os vicentinos de todas as nossas casas ergam as mãos e vamos prás mil. Nós hoje, por mercê de Deus, somos uma voz em que o mundo acredita. E acredita justamente porque somos os mensageiros da verdade. Seja contra, seja a favor, que cause dores, que faça inimigos, que sare feridas: em tudo e sempre a verdade. E daqui, alegrem-se também os Pobres. Os próximos e felizes ocupantes. Que a barraca e a cortelha e mais lugares indecentes aonde se abrigam, venham a ter o seu fim neste nosso difícil peregrinar por terra aonde o sol queima.

dar uma Obra tão linda! Deus é Quem supre. Mais ninguém.

Livros de Júlio Verne e roupa usada e meia peça de riscado para camisas. Quem dera mais meias peças destas!

Pela licenciatura em Direito de um filho da Obra, «uma mãe» dá 100\$. Muitas vezes aparece aqui esta «uma mãe», mas eu cuido que são muitas.

Mais livros de aventuras, um divã, um pneu, remédios e selos. Uma aliança para celebrar por alma de quem tantos anos a usou.

No Montepio 550\$ moçambicanos que os nossos de além-mar lá depositam.

A Biceleense levou-nos à Ericceira na troca das raparigas pelos rapazes e agora mandou a conta Metade da despesa é com ela.

Na R. da Horta Seca estão os escritórios da Vacuum. Lá por dentro há incendiários.

Desta vez foi a Direcção da Companhia que ofereceu 40 litros mensais de gasolina para os nossos



Batatas, patos, galinhas, gatos e cães tudo faz parte da família dos Gaiatos!

carros.

Possui o Famoso diversos *co-bradores* que se apresentam devotamente de contas sempre em dia, sem a mira da comissãozinha. Um deles entrega 730\$ de assinaturas recebidas. A nossa Conferência não é esquecida: 20\$ e o piedoso pedido de uma Ave Maria pelas melhoras do marido. A «Maquela» desobriga-se duma promessa: 20\$. E à porta da Basílica da Estrela 400\$ a um dos nossos arduos.

Os empregados de «A Mundial» depositam no Montepio a 2.<sup>a</sup> prestação para uma casa: 406\$ e P. M. H., pedindo orações pela felicidade do seu futuro lar, manda 20\$. No Montepio, injeções de cálcio para os pobres da nossa Conferência e estreptomocina para o doente da R. dos Mercadores no Barredo. De visitantes e donativos vários 170\$. O pessoal dos Produtos Lácteos não falha ao seu voluntário compromisso: referente a Julho um vale de 368\$. Mais 50\$ para um livro e roupas usadas e mercearias. E os empregados da Vacuum com a sua mensalidade de Julho: 1 070\$.

No Montepio um nunca acabar de embrulhos. Andámos, o S. Vicente e eu, da R. do Ouro para a Praça da Figueira porque nas ruas da Buxa é um milagre encontrar lugar para a furgoneta. Eram roupas e fatos macacos e de malha e

livros de estudo mais de recreio e pratos de chocolate e uma farda do Colégio Militar e os três pacotes iguais (para T. Jal, Miranda e Paço de Sousa) da senhora do costume com os costumados objectos. Visitantes deixaram 517\$50 e de Lisboa, em vale, 1000\$ que fizeram um arranjo.

Uma empregada da Farmácia Andrade tinha amealhado para esta Casa 25\$. A morte não lhe permitiu entregá-los por sua mão. Colegas amigas cumpriram o seu desejo.

Maria da Paz pede a celebração duma Missa implorada a conformação à sua Cruz. E dá 200\$. Mais 740\$ de assinaturas e 470\$ de visitantes. E 50\$ dum casal brasileiro e outros 50\$. 10% do primeiro ordenado ganho na sua profissão, pedindo orações pela conversão dum ateu que, no entanto, aprecia a Obra da Rua. Se ele a aprecia conscientemente, pode dizer-se ateu, mas não o é.

E finalmente, eu que risquei um pedacito da furgoneta para fugir a uma camioneta fora de mão e um artista que trouxe tinta e um ajudante e aqui gastou uma tarde inteira deixando o carro a reluzir.

E graças a Deus.